

# “Se não aproveitamos a hora, corremos o risco”

por Pedro Cafardo  
de São Paulo

Se o Brasil pretende “endurecer” a negociação da dívida externa, a hora é agora. O professor Luciano Coutinho, presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo, e o diretor da Planibanc Corretora, Luiz Carlos Mendonça de Barros, chegaram a essa conclusão ontem, em encontro promovido para o lançamento da terceira edição da Carta de Conjuntura do Conselho.

Segundo Coutinho, o Brasil está hoje tirando proveito da recuperação da economia norte-americana, pelo aumento das exportações, sem ter sido ainda afetado pela elevação recente das taxas de juros internacionais, porque os reflexos se darão apenas a partir do início de 1985. A conjunção desses fatores, lembrou o economista, permitiu até mesmo a formação de reservas (caixa) de US\$ 3 bilhões, “um trunfo que deve ser aproveitado”.

Para Mendonça de Barros, será um erro o governo gastar essas reservas com a importação, como as autoridades vêm anunciando. “Estamos sendo considerados pelo FMI como um aluno brilhante que cumpriu todas as suas obrigações. Se não aproveitarmos a hora para uma nova renegociação, corremos o risco de fazê-la em condições muito piores no fim do ano ou início de 1985”, afirmou.

A proposta de capitalização dos juros foi apoiada por Coutinho e Mendonça de Barros. Eles comentaram sugestão do professor Edmar Bacha, atualmente na Columbia University, que assina um dos artigos da Carta de Conjuntura do Conselho. Bacha propõe que o Brasil firme com o FMI um acordo pelo qual o País se comprometa a aumentar suas exportações a uma taxa sempre 50% superior à do crescimento do comércio mundial. A dívida já contraída seria consolidada sem que nenhuma amortização fosse paga até 1989. Esquemas de liquidação antecipada poderiam

ser aplicados caso as exportações crescessem mais de 12% ao ano.

Durante os cinco anos em que o País não pagaria amortizações, segundo a proposta de Bacha, os juros seriam pagos à taxa média de 5,5% ao ano. A diferença entre esse nível e as taxas de mercado seria capitalizada.